

Africanidade em *O filho do vento*

Simone Severo Spadoni

UFRGS

Em países que estão em reconstrução por causa de uma guerra civil, como Angola, as crianças representam o lado mais frágil, porque são indivíduos que estão em desenvolvimento. Além de passarem necessidades físicas, como fome e frio, muitas se perdem de suas famílias, ficando entregues à própria sorte. O sentimento de africanidade foi de certo modo despedaçado, afinal, a guerra faz as pessoas perderem suas famílias e amigos, desestruturando suas vidas. Percebe-se, portanto, que as conseqüências da guerra são devastadoras, e podem aniquilar a identidade de um ser humano, em especial, da criança.

Indivíduo em formação, ela precisa de amparo emocional e psicológico para enfrentar suas dúvidas e frustrações, necessários ao seu processo de crescimento. Quem poderá lhes dar auxílio em países preocupados com a reconstrução nacional, com a erradicação da miséria e com a Aids?

A Literatura Infantil, em função do seu caráter de agente formador, pode ajudar a criança na superação dos seus traumas e medos, pois o diálogo que estabelece com o livro, no momento da leitura, possibilita-lhe reelaborar esses mesmos sentimentos, desfazendo-se do que antes a incomodava. O caráter lúdico da obra auxilia o indivíduo na busca do autoconhecimento, pois a literatura pode dar o suporte mínimo que as crianças necessitam para se reconhecer como indivíduos.

A editora Língua Geral lançou recentemente no Brasil, pela coleção **Mama África** a obra *O filho do vento*, de José Eduardo Agualusa. Tendo origens nas raízes da cultura africana, pois o escritor se apropria do folclore para contar uma história, esta obra pode servir como embrião na busca da identidade africana das crianças brasileiras e luso-africanas, além de proporcionar aos leitores de diferentes nações a ampliação de seus horizontes. O conhecimento popular e a oralidade, na África, se fundem e formam um substrato onde o escritor busca sua fonte de inspiração. O livro não tem

paginação e essa ausência caracteriza uma similaridade com a contação de histórias, conferindo autonomia às partes do livro.

A obra *O filho do vento*, conforme Agualusa, foi inspirada num conto tradicional dos Koi-San, um povo nômade do Sul da África. A marca de oralidade está presente nas falas de um suposto contador que se apresenta: “Nós, os Koi-San, a quem alguns forasteiros chamam bosquímanos, fomos os primeiros homens a surgir na terra” (AGUALUSA, 2006) e dá continuidade à história “agora vou dizer-vos como o vazio se iluminou de estrelas”, (op. cit, 2006), de tal forma que o leitor torna-se um participante dessa roda de histórias. A aridez destas terras faz com que os indivíduos tenham uma vida diferenciada dos habitantes da zona urbana e com isso as horas pareçam eternas. Logo, é um ambiente propício à contação de histórias.

Salienta-se a personificação do vento e dos animais que habitavam o deserto: “naquela época [todos] eram humanos [...] até o Filho do Vento era um ser humano” (op. cit, 2006. Para o leitor de um modo geral o início dessa história provoca uma aproximação entre ele e o personagem, sendo que para o luso-africano isso se dá de forma mais acentuada, justamente porque através do resgate da fauna africana, em que o narrador personifica animais como os chacais, elefantes e leões, o indivíduo vê sua cultura, seu povo e seu habitat, sendo valorizados.

O personagem central, o filho do vento, gostava de brincar com as crianças, mesmo que não soubesse seu nome, o que caracteriza uma forte valorização do lado humano do homem. Dividindo com seus amigos, suas alegrias, ele vive o momento presente, sem ter as preocupações de um adulto. Entretanto, uma das crianças, curiosa por saber como ele se chamava, pergunta à mãe qual o nome do filho do vento. A mãe, preocupada, pois conhecia o poder do vento, diz para o filho não pronunciar seu nome em vão. Entretanto, o menino desobedece, pronunciando o nome em voz alta. Sem querer provoca um redemoinho, e o vento transforma-se logo em um pássaro. “O vento de cólera e de criação não são apreendidos em sua ação geométrica, mas como doadores de poder. Nada mais pode deter o movimento turbilhonante”. (BACHELARD, 2001, p. 233). Kuan-Kuan detém o poder e acha que pelo fato de ter desatado o vento os homens não gostam dele. Por isso,

sente-se culpado. É justamente sua mãe quem suaviza essa culpa dizendo “não podes te culpar por tudo de ruim que o vento faz”. (AGUALUSA, 2006).

Ela, por ser mãe, tem mais idade e larga experiência de vida, e é por isso que “os senhores do dito são ‘os mais velhos’ do grupo, não só pela idade, mas pelo papel que nele exercem”. (PADILHA, 2002, p. 264). A experiência de vida que eles têm serve para ensinar algo. A mãe de Nakati, o garoto que perguntou qual o nome do vento, ensina-o para só chamá-lo depois que as paredes da casa estiverem reforçadas, tamanha a sua força. Mas a criança não faz isso e ao pronunciar o nome do filho do vento em voz alta, desencadeia um redemoinho de poeira, que cresceu, engrossou e destruiu tudo ao seu redor, impossibilitando às pessoas de se protegerem.

O vento ao mesmo tempo em que tem um poder destruidor, apresenta também a capacidade de reconstruir, pois cada destruição faz surgir algo novo. Logo “na imaginação dinâmica, tudo se anima, nada se detém. O movimento cria o ser, o ar turbilhonante cria as estrelas, o grito produz as imagens, o grito gera a palavra, o pensamento”. (BACHELARD, 2001, p. 233). Ao longo da história um evento desencadeia outro: o menino invocou o vento, este começou a inclinar-se, que por sua vez fez surgir um redemoinho destruindo as casas para finalmente tornar-se um pássaro, que voou e não voltou mais. Na vida cotidiana das pessoas as atitudes geram conseqüências inesperadas ou indesejadas. Por isso Kuan-Kuan nunca mais foi o mesmo, pois “achava que os homens o odiavam por ter desatado o vento”. (AGUALUSA, 2006). Nakati, o menino responsável por desencadear os eventos sucessivos, representa o homem, que na ânsia de atender seus desejos profundos, sofre com as conseqüências dos seus atos e luta contra os acontecimentos da vida regida por uma força maior.

Kuan-Kuan “depois que caiu, depois que fez nascer a ventania, nunca mais foi o mesmo. Achava que os homens o odiavam por ter desatado o vento. Cresceu um tanto estranho, arredio”. (ibidem, 2006). Aquela vivacidade que tinha quando brincava com os amigos foi aos poucos se tornando desconfiança. “O vento, em seu excesso, é a cólera que está em toda parte e em nenhum lugar, que nasce e renasce de si mesma, que gira e se volta sobre si mesma. O vento ameaça e uiva, mas só toma forma quando encontra a poeira”. (BACHELARD, 2001, p. 232). O menino achava que tinha o poder de

comandar o vento e, ao sentir-se culpado por isso, nunca mais foi o mesmo, tanto que se transformou em pássaro. Cada vez que fugia a voar, pois penas nasciam sob sua pele, distanciava-se dos problemas. Porém, “um dia voou, voou, e não voltou”. (AGUALUSA, 2006).

Foi justamente a capacidade de criar asas que fez com que se distanciasse dos problemas, acelerando, assim, o seu processo de amadurecimento. “A asa, atributo essencial da volatilidade, é marca ideal de perfeição em quase todos os seres”. (BACHELARD, 2001, p. 68). Foi necessário – tal como a crisálida quando deixa o casulo - metamorfosear-se em pássaro, conhecer a mais bela mulher, ou seja, amadurecer, para aprender a ver o lado positivo que o vento tem. O vôo é uma metáfora para o amadurecimento, um processo da existência que leva à perfeição.

Traçando um paralelo com as fases da vivência humana pode-se dizer que a época em que Kuan-Kuan brincava de bola com os meninos da aldeia corresponde à infância, pois essa referência de tempo remete o leitor à fase infantil. Posteriormente, o redemoinho desencadeado pelo vento tem estreita relação com a adolescência; à inclinação do filho do vento ao chão, segue-se o início do redemoinho, que cresceu, engrossou, não dando tempo de as pessoas se protegerem. Finalmente, a parte em que ele se transforma em pássaro corresponde à maturidade, devido à presença do verbo “*crescer*”. O sentimento de culpa e a prevenção contra os semelhantes são próprios do adulto. Pode-se dizer que nessa tríade gradativa: brincar – redemoinho - pássaro (infância – adolescência – maturidade) se resume a vida de Kuan-Kuan.

Liberto de toda a culpa que carregava ele está preparado para conhecer a mulher especial, responsável por criar as estrelas. Ela guiará seus passos, iluminará seus caminhos e surgirá nas horas tímidas do começo do dia. Sabendo da história de Kuan-Kuan, relembra-o das transformações ocorridas. Era como se desejasse que ele aprendesse a caminhar com as próprias pernas enfrentando a vulnerabilidade inerente ao ser. E assim, timidamente, vão se conhecendo e convivendo. Ela vai lhe mostrando os pontos positivos que o vento tem: carrega as sementes das árvores, ajuda o caçador na hora da caça, ameniza o calor. Embora, alastre as chamas de fogo, “o vento é como qualquer pessoa: tem seus dias ruins. Culpa de quem?” (AGUALUSA, 2006).

Com essa fala, muito importante, o personagem mostra que assim como o vento tem seus dias ruins, as pessoas, da mesma forma, têm dias melhores ou não. Essa ambivalência é inerente ao ser humano e está presente tanto no indivíduo adulto quanto na criança, com a diferença que esta não tem a maturidade daquele, justamente por estar em desenvolvimento. Logo, a natureza serve de espelho para o próprio indivíduo, pois o processo de amadurecimento de um homem é semelhante ao da natureza possibilitando ao homem, através dela, enxergar-se a si mesmo. Entretanto, há fatos que ninguém tem culpa e não adianta o homem querer comandá-la, porque segue o seu próprio ciclo. Aceitá-la como ela é implica em o indivíduo aceitar as suas próprias limitações, em reconhecer os seus dias bons e ruins, sem culpar ninguém. Para Kuan-Kuan ser feliz implicaria em assumir-se, olhar o seu interior, aceitando-se como é. O episódio em que se sentou num morro de salalé e ficou a digerir as estrelas, pode-se considerar um momento epifânico, pois representa uma etapa intermediária que o preparava para outra fase: conhecer “a soma do melhor e do mais belo que havia em todas as mulheres do mundo”. (ibidem, 2006).

Ele e a mulher sofrem uma metamorfose: ele se torna pássaro e ela, que era uma menina, transforma-se em mulher, ao criar as estrelas, as quais Kua-Kuan engole iluminando tanto o seu interior, quanto a sua consciência. Elas possuem uma qualidade luminar, de fonte de luz. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1991, p. 404). Ambos superam a fase anterior caracterizada por medos, questionamentos e descobertas e adentram no universo do adulto, cabendo à mulher ensiná-lo e mostrá-lo os benefícios que o vento proporciona à humanidade. Acostumado a ver o lado negativo das coisas, ele rende-se a essas novas descobertas e seguro de si une-se à ela provocando como num efeito cascata uma nova metamorfose: o surgimento do amor.

Pode-se estender essa temática para o plano da existência humana. O indivíduo passa pela infância, depois se desenvolve e por último amadurece. Ao encerramento de cada fase inicia-se outra com respectivas peculiaridades. A infância é a fase em que a criança apresenta grande energia e muita disposição, por isso anseia pela realização dos seus desejos. Logo, muitas vezes, desobedece aos mais velhos, espantando-se com a consequência dos seus atos. Já os arrebatamentos e impulsividades são próprios dos

adolescentes. Abrigam no seu íntimo, volúpia e repulsa, amor e ódio, calma e fúria. Essas energias quando em ebulição podem ser como um redemoinho, cuja força é centrífuga ou como brisa do ar, que suaviza e acalma. O adolescente é um ser passional cheio de dúvidas cujas explicações ele somente encontra na maturidade, quando tem capacidade de encontrar as respostas no seu interior, de forma sensata, respeitando limites.

José Eduardo Agualusa parte do local para abordar um tema universal, ou seja, se apropria da natureza africana para tratar de um assunto que é característico não só dos luso-africanos, mas de qualquer indivíduo: o processo de amadurecimento do ser. Essa temática possibilita aos leitores enxergarem-se no filho do vento, pelo fato de apresentar as mesmas dificuldades e questionamentos do homem comum, pois é o espelho deste. Esta obra proporciona ao leitor uma auto-reflexão, através da qual ele passa a compreender que assim como a natureza tem seus dias ruins, as pessoas também os têm. E nada é por culpa de ninguém, porque as coisas são como são. Por isso acredita-se que essa obra suscita no leitor sentimentos de liberdade e emancipação, pois lhe possibilita, independentemente de etnia, reelaborar seus conceitos espelhando-se no personagem.

A idéia presente nesta obra, de que o ser passa por um processo de amadurecimento, faz o leitor pensar que o mesmo acontecerá com ele. A criança irá crescer e se desenvolver e somente na maturidade terá a certeza e segurança sobre suas atitudes, seus conceitos e valores. Logo, o sentimento da africanidade passará por um processo semelhante, afinal quando for adolescente ele se questionará sobre sua vida, seus hábitos, valores, crenças e religiosidade. Questionará se tudo aquilo que a família e a sociedade lhe ensinaram tem a ver com a sua individualidade. Posteriormente vem a maturidade, e, com ela, a certeza de que seus valores são correspondentes à sua cultura, devendo, portanto, serem respeitados.

Em virtude do que foi exposto, através da leitura dessa obra, os leitores têm a possibilidade de reinventar a africanidade, pois há uma preocupação do escritor em perpetuar a identidade, a sabedoria do povo, bem como a cultura dos angolanos. Ao lançar o livro no Brasil, o escritor projeta a cultura e a literatura do seu povo em outro país, permitindo, assim, aos leitores e, principalmente, às crianças, que não têm origem ou antepassados africanos,

conhecer uma nova cultura. Além disso, os angolanos ganham uma dimensão relevante, através da Literatura, projetando Angola para o mundo, que passa a conhecê-la e respeitá-la.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *O filho do vento*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

PADILHA, Laura. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.